

AQUILO QUE SE SENTE,
mas não se explica



Metáforas para o que
ainda não encontrou forma

ABERTURA

Tem coisas que não chegam como pensamento.

Elas aparecem no meio do dia, sem aviso, como uma mudança leve no ar que você não sabe de onde veio.

Não é exatamente tristeza.

Também não é algo que se explique com facilidade.

É mais como uma sensação de estar um pouco fora do próprio lugar, mesmo quando, por fora, tudo parece seguir como sempre.

Nem tudo que atravessa a gente vem organizado o suficiente para ser dito.

Algumas experiências ficam em um estado anterior à palavra.

Não porque não existam.

Mas porque ainda não encontraram forma.

E, enquanto isso, vão se manifestando de outros jeitos.

No corpo.

No silêncio.

Nos pequenos desvios que quase passam despercebidos.

Este livro não tenta organizar tudo.

Ele se aproxima.

E, às vezes, isso já é o suficiente para que algo comece a ganhar contorno.

GAVETA

Tem dias em que, por dentro, parece que as coisas não estão exatamente no lugar.

Não é um caos evidente.

Nada está quebrado o suficiente para chamar atenção.

Mas também não está organizado o suficiente para ser ignorado.

É como abrir uma gaveta e perceber que tudo está ali... só não da forma como poderia estar.

Você reconhece o que vê.

Mas não encontra um jeito de arrumar sem mexer em coisas que parecem mais sensíveis do que aparentam.

Então fecha.

Não por descuido.

Mas porque, naquele momento, talvez não haja ainda uma forma possível de lidar com o que aparece quando se abre.

E a vida segue.

Mas com a sensação sutil de que algo ficou por ali, esperando um outro tipo de tempo.

EXCESSO

Em outros momentos, não é a falta de forma que aparece.

É o excesso.

Pensamentos que se acumulam sem pausa, como se cada um trouxesse junto a necessidade de ser resolvido imediatamente.

Nada parece poder esperar.

E, quanto mais você tenta organizar, mais coisas surgem.

Como se a própria tentativa de dar conta ampliasse ainda mais o que precisa ser pensado.

Nessas horas, não é só confusão.

É saturação.

E, no meio disso, algo importante se perde.

Não porque desapareceu.

Mas porque não encontra espaço para ser realmente percebido.

CORPO

Há também aquilo que não passa pela palavra.

O corpo sente antes.

Um aperto que não explica.

Uma respiração que encurta sem motivo claro.

Um cansaço que não combina com o dia.

Não são sinais isolados.

São formas de expressão.

Como se algo que ainda não pode ser pensado encontrasse outro caminho para existir.

E, muitas vezes, a gente tenta fazer isso parar.

Respirar melhor.

Distrair.

Seguir.

Mas o corpo não está tentando atrapalhar.

Está tentando dizer.

Mesmo que ainda não haja linguagem suficiente para entender o que.

TRANSIÇÃO

E, às vezes, no meio disso tudo, algo diferente acontece.

Por um instante, quase breve demais, parece que faz sentido.

Não completamente.

Não de forma clara.

Mas o suficiente para que a sensação deixe de ser totalmente desconhecida.

E então... escapa.

Como se não desse para segurar.

Como se ainda não houvesse um lugar interno onde aquilo pudesse permanecer.

E, ainda assim, alguma coisa muda.

Porque, mesmo que tenha sido por pouco tempo, já não é exatamente como antes.

FECHAMENTO

Nem tudo precisa ser entendido de uma vez.

Algumas experiências não pedem solução imediata.

Pedem espaço.

Um tipo de presença que não força, não apressa, não exige forma antes do tempo.

Porque, quando algo encontra esse tipo de espaço, mesmo que aos poucos, começa a se organizar de outro jeito.

Não de fora para dentro...

Mas de dentro para fora.

E isso raramente acontece sozinho.

Às vezes, o que falta não é esforço.

É um lugar onde aquilo que ainda não tem nome possa, finalmente, existir.